

Artigo de Pesquisa

Flexibilidade cognitiva e autoeficácia empreendedora dos líderes da young entrepreneurs' alliance e da federação ibero-americana de jovens empresários

Douglas Schwolk Fontan Ayres de Aguirre^a , Suzete Antonieta Lizote^{a*}  e Maria Cristina Guerra^b 

^aUniversidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, SC, Brasil

^bInstituto Politécnico de Portalegre (IPP), Portalegre, Portalegre, Portugal



Detalhes Editoriais

Sistema double-blind review


Histórico do Artigo

Recebido : 23 de jul. de 2020
Revisado : 02 de fev. de 2021
Aceito : 25 de fev. de 2021
Disponível online: 01 de set. de 2021


Classificação JEL: M10

Artigo ID: 1964

Editor Chefe¹ ou Adjunto²:

² Dr. Edmundo Inácio Júnior 
Univ. Estadual de Campinas, UNICAMP

Editor Associado Responsável:

Dr. Dennys Eduardo Rossetto 
SKEMA Business School

Editora Executiva:

M. Eng. Patrícia Trindade de Araújo

Revisão Ortográfica e Gramatical:

Dra. Mônica Império Costa
Palavra Seleta Revisão Textual

Citar como:

Aguirre, D. S. F. A.; Lizote, S. A.; Guerra, M. C. A. G. (2021). Flexibilidade cognitiva e autoeficácia empreendedora dos líderes da young entrepreneurs' alliance e da federação ibero-americana de jovens empresários Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 10(3), Artigo e1964.
<https://doi.org/10.14211/regepe.e1964>

*Autor de contato:

Suzete Antonieta Lizote
lizote@univali.br

Resumo

Objetivo: Avaliar a relação entre a flexibilidade cognitiva (FC) (e suas subescalas) e a autoeficácia empreendedora (AE) (e suas dimensões) dos jovens líderes representantes da Aliança de Jovens Empreendedores do G20 e da Federação Ibero-americana de Jovens Empresários. **Metodologia:** Este estudo, de natureza descritiva, tem abordagem qualitativa e quantitativa, sendo o seu processamento analítico e estatístico pautado na análise qualitativa comparativa de conjuntos difusos (fsQCA) e na correlação e regressão linear. **Resultados:** Os resultados apontaram correlação positiva significativa entre a flexibilidade cognitiva (destreza dos referidos líderes em perceber e gerar múltiplas explicações e soluções alternativas para ocorrências incertas, difíceis e/ou novas) e a autoeficácia empreendedora (a crença de que suas habilidades são eficazes para realizar ações necessárias à criação de um novo negócio ou o aprimoramento de uma empresa já existente). **Contribuições teóricas/metodológicas:** O estudo amplia o conhecimento sobre a relação entre a flexibilidade cognitiva e a autoeficácia empreendedora, por meio do emprego da técnica fsQCA, na amostra da pesquisa formada por líderes mundiais. **Relevância/Originalidade:** A pesquisa aprofunda a discussão sobre a flexibilidade cognitiva e a autoeficácia empreendedora de jovens líderes empreendedores, visto que a forma como eles pensam e agem se tornou uma questão indispensável ao apoio de atividades empreendedoras independentes ou realizadas nas organizações. **Contribuições sociais:** A evidenciação de que há relação positiva significativa entre a flexibilidade cognitiva (habilidade importante para a solução de problemas) e a autoeficácia empreendedora, para compreender as estratégias utilizadas por jovens empreendedores. **Palavras-chave:** Flexibilidade cognitiva. Autoeficácia empreendedora. Jovens empreendedores.

Abstract

Objective: Assess the relationship between Cognitive Flexibility, with its subscales, and Entrepreneurial Self-efficacy, with its dimensions, of the leaders representing young entrepreneurs in the G20 Young Entrepreneurs Alliance and the Ibero-American Federation of Young Entrepreneurs. **Methodology:** The study has qualitative and quantitative approaches, as well as a descriptive nature. The analytical and statistical processing was the Qualitative Comparative Analysis of Fuzzy Sets (fsQCA) and Correlation and Linear Regression. **Results:** the results showed a significant positive correlation in hypotheses H2, H3 and H4, and rejected hypothesis H1, thus concluding that these leaders maintain the dexterity in perceiving and generating multiple explanations and alternative solutions for uncertain, difficult and/or new occurrences (cognitive flexibility), positively influencing the belief that your skills are effective to take courses of action necessary for the creation of a new business or the development of an existing company (entrepreneurial self-efficacy). **Theoretical/methodological contributions:** The study contributes to the literature by expanding knowledge about the relationship between cognitive flexibility and entrepreneurial self-efficacy, as well as the research sample formed by world leaders and the use of the fsQCA technique. **Relevance/Originality:** The research deepens the discussion on the cognitive flexibility and entrepreneurial self-efficacy of young entrepreneur leaders, as the way entrepreneurs think, and act has become an indispensable issue to support entrepreneurial activities carried out independently or within organizations. **Social contributions:** The contribution is in the evidence that there is a significant positive relationship between cognitive flexibility, which is an important problem-solving skill, along with entrepreneurial self-efficacy to understand the strategies that entrepreneurs share with each other.

Keywords: Cognitive flexibility. Entrepreneurial self-efficacy. Young entrepreneurs.

INTRODUÇÃO

Na concepção de Barbosa, Silva, Gonçalves e Morais (2020, p. 130), “empreendedor é todo ator que contribui para a inovação e o crescimento do negócio, seja empreendedorismo corporativo ou social. Isso ocorre, especificamente, por meio do reconhecimento e exploração de oportunidades, inovação e criação de valor em determinado mercado”. Em outras palavras, as sociedades e as formas empresárias individuais (microempreendedor ou empresário individual) se manifestam quando são vislumbradas oportunidades de que produtos e/ou serviços possam atender às necessidades dos consumidores. Os empresários, então, buscam agregar valor aos produtos e/ou serviços criados, a fim de se diferenciar dos demais concorrentes e de obter vantagem competitiva sustentável.

A almejada vantagem, no entanto, é difícil de conquistar, haja vista os desafios frequentes que as estratégias empresariais enfrentam devido às influências e às mudanças globais no ambiente de negócios (Camozzato, et al., 2017), que é permeado por constantes turbulências de mercado. Exemplos disso são a concorrência em potencial, a desvalorização da moeda, o aumento nas taxas de juros e as flutuações cambiais, que influenciam no alcance de uma posição vantajosa no mercado, sem a qual uma organização não consegue manter a competitividade (Guimarães, et al., 2017).

Nesse contexto, no ano de 2010, foi criado o G20 Young Entrepreneurs' Alliance (YEA), uma aliança global entre jovens empreendedores e organizações apoiadoras, que se reúne todos os anos, antes da cúpula do G20, com a finalidade de defender, junto àqueles países membros, os interesses de mais de 500.000 empreendedores entre 18 e 34 anos, reconhecidos como poderosos condutores da renovação econômica, da criação de empregos, da inovação e da mudança social (G20 YEA, 2019).

Na mesma linha, mas em âmbitos regional e nacional, há a Federação Ibero-americana de Jovens Empresários (Fije), criada em 2008, com a missão “de representar as entidades nacionais de jovens empreendedores da América Latina na busca de um ambiente favorável para a consecução de seus objetivos” (Fije, 2019); e a Confederação Nacional de Jovens Empresários (Conaje), fundada no ano de 2000, cuja missão é “representar, integrar e inspirar os jovens empresários e suas organizações, fortalecendo o ambiente empreendedor brasileiro, desenvolvendo novas lideranças e contribuindo para o crescimento do país” (Conaje, 2019).

Os referidos órgãos colegiados têm como prerrogativa debater, equalizar e deliberar sobre os variados problemas que os afetam, tais como: a ausência de habilidades e/ou de experiência prévia, que pode limitar suas chances de êxito; a burocracia, a importação/exportação, os tributos elevados, a falta de suporte institucional para treinamento e informação, e a dificuldade de acesso a recursos, incluindo o microcrédito (ou seja, problemas enfrentados por qualquer empreendedor (Ribeiro e Teixeira, 2012).

As associações empresariais integrantes dos órgãos colegiados são representadas por líderes que conhecem e vivenciam a realidade comum, sustentando habilidades cognitivas para debater e decidir em prol do seu público-alvo (os jovens empreendedores emergentes), perante as situações dinâmicas do mercado. As reuniões deliberativas ocorrem em assembleias e congressos, como a Assembleia de Líderes do G20 YEA, o Congresso Ibero-americano de Jovens Empresários da Fije e o Congresso Nacional de Jovens Empreendedores da Conaje.

É justamente em ambientes como os mencionados, que se busca extrair dados sobre determinadas habilidades cognitivas dos líderes do G20 YEA e Fije, visto que os atributos psíquicos estão se tornando cada vez mais relevantes para pesquisadores

de carreiras, educadores e formuladores de políticas. Entre eles, estão a autoeficácia empreendedora (AE) e a flexibilidade cognitiva (FC), elencadas como importantes habilidades para o enfrentamento dos desafios globais do século XXI (Wilson, et al., 2009; World Economic Forum, 2016).

Para mensurar a AE dos líderes do G20 YEA e Fije, é utilizada a escala de De Noble, Jung e Ehrlich (1999), que analisa um conjunto de habilidades semelhantes às demandas e às necessidades reais de empreendedores, para identificar os indivíduos mais propensos a trabalhar por conta própria – aqueles que acreditam ter as habilidades exigidas para liderar, de forma bem-sucedida, seus negócios (Simões, 2016).

No que diz respeito à FC, é utilizado o instrumento de Dennis e Vander Wal (2010) – uma breve medida de autorrelato, necessária aos indivíduos diante dos desafios da necessidade de substituir pensamentos rígidos por outros mais equilibrados e adaptativos.

Esta pesquisa, por conseguinte, busca responder à seguinte questão norteadora: Qual a relação entre a flexibilidade cognitiva e a autoeficácia empreendedora dos líderes do G20 YEA e Fije?

Para tanto, como objetivo geral, decidiu-se avaliar a relação entre a flexibilidade cognitiva (e suas subescalas) e a autoeficácia empreendedora (e suas dimensões) dos líderes representantes de jovens empreendedores no G20 YEA e na Fije, tendo em vista que a forma como eles pensam e agem se tornou uma questão indispensável para apoiar atividades realizadas de forma independente ou dentro de organizações, bem como na gênese de novos negócios (Hisrich, et al., 2007).

O estudo da FC é relevante para o entendimento da capacidade dos sujeitos em receptionar o conhecimento (situação-problema), representá-lo, (re)estruturá-lo e, diante disso, elaborar um repertório de respostas para dele extrair a mais eficaz (Guerra, 2012); e o da AE, por ele demonstrar como a crença de uma pessoa em suas habilidades pode ser suficiente para que ela empreenda com sucesso (Miao, et al., 2017).

Este estudo se justifica também por duas razões: (1) muito embora a relação positiva entre a flexibilidade cognitiva e a autoeficácia geral tenha sido demonstrada em pesquisas de quase quatro décadas atrás, nas bases de dados bibliográficos PsycNet, Ebsco, Dialnet, Capes e Google Scholar, consta apenas o artigo de Dheer e Lenartowicz (2017), relacionando à FC e à AE; e (2) as características dos respondentes são igualmente pouco vistas em trabalhos acadêmicos, pois os líderes do G20 YEA e Fije são pessoas de difícil acesso, dada a sua localização geográfica: elas são de diferentes países e as reuniões dos grupos ocorrem em diversas regiões do mundo.

Este artigo está estruturado em seis seções: (1) esta introdução; (2) a fundamentação teórica; (3) os procedimentos metodológicos; (4) os resultados; (5) as considerações finais da pesquisa; e (6) o referencial bibliográfico citado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção se inicia com a contextualização dos construtos flexibilidade cognitiva e autoeficácia empreendedora; e se encerra com a apresentação das hipóteses do estudo.

Flexibilidade cognitiva

Em muitas situações rotineiras, seja em ambientes pessoais e profissionais, seja nos familiares, há problemas que demandam respostas diferentes e inovadoras para sua resolução, já que, com o passar do tempo, comportamentos automatizados e inadaptados deixam de gerar uma eficácia resolutiva.

No tocante ao meio empresarial, que está inserido em um ambiente global de interações, entre realidades diversas

e adversas, como as incertezas econômicas (Prigogine e Stengers, 1997; Morin, et al., 2002), as oportunidades aparecem normalmente ofuscadas por situações de risco e de instabilidade, estimulando os empresários a tomar decisões estratégicas e inovadoras, as quais, quando acertadas, promovem a adaptação ao dinamismo de mercado.

Realizar as sutilezas de adaptação a novas e/ou difíceis situações, todavia, não é uma tarefa fácil, devido à dificuldade humana marcada por processos de inflexibilidade cognitiva (French e Sternberg, 1989) e/ou bloqueios cognitivos, ao enfrentar a situação-problema. Os indivíduos, então, continuam agindo da mesma maneira, mesmo que essa ação notadamente não seja mais eficaz. Além disso, há também a fixação funcional, processo pelo qual o indivíduo se fixa em determinada função de um objeto/elemento para resolver um problema, independentemente se ela está se mostrando eficiente ou não (Duncker, 1945).

A inflexibilidade cognitiva – que é um erro humano – é entendida como a incapacidade de um sujeito de rejeitar o processo automatizado, optando por manter uma forma controlada, que transfere conhecimento e compõe uma nova gama de comportamentos para a gestão de suas respostas, perante os estímulos ambientais (Guerra, et al., 2014).

A rigidez e a automatização cognitivas, portanto, interferem na constituição do arcabouço de respostas eficazes para a resolução de situações desafiadoras novas e/ou difíceis, que são apresentadas ao sujeito, levando-o à ineficácia resolutive e, por consequência, aos sentimentos inconvenientes de descontentamento e de frustração (Dennis e Vander Wal, 2010).

Dependendo da situação-problema imposta, por ser incapaz de detectá-la como carecedora de um diferente comportamento, o sujeito pode fazer com que seu desempenho caia ou esteja abaixo do nível esperado; e isso tem grandes chances de impactar/influenciar sua vida empresarial, seus resultados acadêmicos, suas interações pessoais, e tantos outros domínios complexos e não-estruturados que demandam perspicácia cognitiva (Spiro, et al., 1987).

Iniciados na década de 1950, os estudos sobre a flexibilidade cognitiva consideram que a execução da atitude inovadora, diante de uma situação-problema, está atrelada a um comportamento criativo (criatividade) do ser humano (Guerra et al., 2014).

Para Moradzadeh e Pirkhaefi (2018), o indivíduo com flexibilidade cognitiva é capaz de armazenar e organizar informações de diferentes formas, o que se traduz no modo como ele pensa e, conseqüentemente, age. Diante de novas situações, ele é capaz de reestruturar o conhecimento e ser mais eficaz na resposta.

Martínez e Perez (2019), por sua vez, entendem a FC como uma função executiva do cérebro, destacando, para tanto, o seu papel na resolução de problemas complexos. Nesse sentido, Vignochi, et al., (2020), esclarecem que a FC possibilita às pessoas gerar alternativas de respostas às oportunidades e evitar cursos de ação que restrinjam a adaptação a novas e/ou difíceis situações-problemas.

Frick et al., (1959), citados por Guerra et al., (2014), identificaram dois tipos de pensamentos pertinentes à relação entre a flexibilidade cognitiva e o comportamento criativo: (a) o pensamento divergente, cujo foco está na atenção difusa, como geradora de ideias originais; e (b) a fluência associativa, que une conhecimentos distantes, mas passíveis de aplicação resolutive em situações-problemas reais.

Neste estudo, optou-se por seguir a linha teórica e prática de Dennis e Vander Wal (2010), que entendem a FC como a capacidade de mudar os conjuntos cognitivos para se adaptar às mudanças, nos estímulos ambientais. Sua mensuração é feita pelo inventário de flexibilidade cognitiva (IFC), criado como uma breve medida de autorrelato, com múltiplas subescalas

para medir, de forma confiável e válida, aspectos distintos da FC, que poderiam se relacionar com outros construtos psicológicos, tais como a depressão e a ideação.

Por essas razões, o IFC se demonstra eficaz para este estudo, conforme três pontos relevantes: (1) a objetividade e a brevidade para medir os níveis de FC; (2) sua base em estudo longitudinal, pela qual foram investigadas as diferenças potenciais nas estratégias de enfrentamento de pessoas cognitivamente flexíveis versus inflexíveis, em resposta ao estresse de eventos de vida; e (4) sua utilização em estudos promovidos em diversos países (Barrett-Pink, 2018; Bullard, et al., 2019; Johnson, 2016; Yu, et al., 2019; Muyan-Yilik e Demir, 2019; Oshiro, et al., 2016; Roshani et al., 2019; Sung, et al., 2019).

O IFC mede três aspectos da FC: (1) a tendência de perceber situações difíceis como controláveis; (2) a capacidade de fornecer múltiplas explicações alternativas para ocorrências de vida e do comportamento humano; e (3) a habilidade de gerar várias soluções para situações difíceis (Dennis e Vander Wal, 2010).

A subescala de controle é composta por sete itens, que visam medir a percepção de situações novas e/ou difíceis como controláveis (aspecto “a”) (Dennis e Vander Wal, 2010). A subescala de alternativas, por sua vez, composta por 13 itens, está voltada à mensuração da percepção de múltiplas explicações alternativas para ocorrências de vida e do comportamento humano, bem como da capacidade de gerar múltiplas soluções alternativas para situações novas e/ou difíceis (aspectos “b e c”) (Dennis e Vander Wal, 2010).

Autoeficácia empreendedora

A autoeficácia – oriunda da teoria social cognitiva (TSC) de Bandura (1977), e última posição teórica do autor –, relatada em vários artigos e livros como um conjunto de investigações, é concebida como o juízo pessoal referente ao nível de execução das atividades requeridas para lidar com determinada situação. Trata-se, então, de: (a) um traço de personalidade que afeta a motivação para realizar com sucesso determinadas tarefas; (b) o grau de tolerância para enfrentar situações adversas; e (c) uma percepção individual sobre o risco.

De acordo com Bandura (1977), a autoeficácia é um dos aspectos do autoconhecimento que talvez exerça maior influência no dia a dia das pessoas, pois ela exprime as concepções sobre a eficácia pessoal individual, caracterizando-se pelo grau de crença das pessoas em suas habilidades para executar comportamentos.

Sem essa crença, isto é, quando as pessoas não acreditam na sua capacidade de produzir efeitos desejados com as suas ações, haverá pouco incentivo para agir ou perseverar diante das dificuldades. Isso porque, quaisquer que sejam os demais fatores motivadores, todos eles estarão enraizados na crença central de que alguém detém o poder de produzir mudanças, por intermédio de suas ações (Bandura, 1999). Dessa maneira, pessoas com maior grau de crença em suas habilidades para resolver uma situação-problema (maior autoeficácia) são mais capazes de perseguir e de persistir em uma tarefa do que aquelas que a possuem em menor escala (Bandura, 1977).

Com o intuito de medir a autoeficácia com maior exatidão e de maneira fidedigna, além de identificar o domínio da tarefa a ser realizada, Bandura (1977, 1997) afirmou que seu estudo deve ser desenvolvido em contextos específicos. Nesse sentido, sustentados por essa afirmação, vários pesquisadores agregaram uma série de medidas relacionadas a domínios específicos da autoeficácia, ao invés de depender de um teste abrangente para mensurar tão-somente a autoeficácia geral (McGee et al., 2009).

Nesse passo, emergiu a autoeficácia empreendedora, com a visão voltada aos aspectos relacionados ao empreendedorismo, ou seja, ao domínio específico da criação de um novo negócio. A partir de então, uma série de estudiosos têm se esforçado em favor de um maior poder preditivo desse construto.

Vale salientar que os estudos acerca da autoeficácia empreendedora (AE) remontam à pesquisa de Chen, et al., (1998), na qual a autoeficácia é o atributo fundamental que diferencia os empreendedores dos gerentes. Ou seja, a AE é a crença de um indivíduo em sua capacidade de desempenhar tarefas e funções voltadas a resultados empreendedores, evidenciando seu papel crucial na determinação dos indivíduos capazes de seguir carreiras e de exercer comportamentos empreendedores.

Para De Noble et al. (1999), a AE é uma construção que mede a crença de uma pessoa em suas próprias habilidades, para cumprir os vários requisitos em busca de uma nova oportunidade de empreender, como uma ponte explicativa do esforço inicial de um empreendedor para criar e desenvolver um novo negócio.

Segundo Miao et al., (2017), a AE emergiu como um construto psicológico-chave na pesquisa de empreendedorismo, haja vista a descoberta de sua influência na motivação, na intenção, no comportamento e no desempenho do empreendedorismo.

As medidas de autorrelato têm sido muito utilizadas para mensurar a AE de diferentes pessoas, em domínios específicos e contextos distintos, incluindo estudantes universitários, empresários e franqueados. Dentre as seis formas de medição mais empregadas, destaca-se a escala De Noble et al., (1999), escolhida para este estudo. Ela já foi utilizada em pesquisas empíricas, no contexto nacional, com a finalidade de validá-la no cenário brasileiro, como as de: Lizote e Verdinelli (2015); Lizote, et al., (2013); Silva Filho e Lizote (2019); e no cenário internacional, como as de: Sanchez e Hernández-Sánchez (2013) e de Welsh, et al., (2016).

A escala para medir a autoeficácia empreendedora (ESE) (Entrepreneurial Self-efficacy) é composta por 23 itens, agrupados em seis dimensões: definir o objetivo principal do negócio; construir um ambiente inovador; desenvolver novos produtos e oportunidade de mercado; iniciar relações com investidores; lidar com mudanças inesperadas; desenvolver recursos humanos-chave para a empresa.

Com base na revisão teórica apresentada, espera-se que a relação entre FC e AE confirme os estudos anteriores, que associam positiva, significativa e mutuamente a flexibilidade cognitiva e as crenças de autoeficácia geral: Brewster (2011); Çelikkaleli (2014); Kim e Omizo (2005); e Shimogori (2013). Vale lembrar que foi achado apenas o artigo de Dheer e Lenartowicz (2017) relacionando a FC e a AE.

Diante disso, são apresentadas as seguintes hipóteses:

- H1: A subescala de controle da flexibilidade cognitiva (SEFC) se relaciona positiva e significativamente com a autoeficácia empreendedora;
- H2: A subescala de alternativas da flexibilidade cognitiva (SEAF) se relaciona positiva e significativamente com a autoeficácia empreendedora;
- H3: A flexibilidade cognitiva se relaciona positiva e significativamente com a autoeficácia empreendedora; e
- H4: flexibilidade cognitiva se relaciona positiva e significativamente com a dimensão "lidar com mudanças inesperadas" da autoeficácia empreendedora.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Segundo a sua natureza, esta pesquisa é caracterizada como descritiva e correlacional, conforme Hernández, et al., (2006); e, em relação à sua abordagem, ela é qualitativa e quantitativa.

A população deste estudo foi constituída pelos líderes de jovens empreendedores, membros do G20 YEA (20) e da Fije (17), totalizando 37 participantes. Quanto a isso, mesmo com a ciência de que o número de líderes não chegaria a 40, o que, naturalmente, inclinaria a pesquisa para uma abordagem metodológica mista, utilizou-se apenas a abordagem quantitativa, mediante o levantamento de dados por questionários. Essa escolha de captação de dados primários se deu devido ao prazo de 15 minutos, dado pelos presidentes nas pautas das reuniões do G20 YEA e da Fije.

Na Assembleia do G20 YEA, realizada na cidade de Balneário Camboriú/SC, nos dias 23 e 24 de novembro de 2017, estavam presentes as associações empresariais de dez países e da União Europeia, ocasião em que foi justificada a ausência das demais nações, devido à realização futura e próxima da 2018 G20 YEA Summit, em Buenos Aires/Argentina. Sendo assim, em momento pré-agendado com o mediador da Assembleia, foram distribuídos dois questionários a todos os líderes presentes: um referente ao construto da flexibilidade cognitiva; e outro à autoeficácia empreendedora.

Dessa maneira, a amostra contou com as seguintes representações: Futurpreneur (Canadá), Future Academy (China), JCI (Japão), European Confederation of Young Entrepreneurs (União Europeia), Entrepreneurs' Organization (Indonésia), Citizen Entrepreneurs (França), Wirtschaftsunioren Deutschland aka JCI Germany (Alemanha), Young Indians (Índia), The Confindustria Young Entrepreneurs Movement (Itália), Came Joven (Argentina), e Confederação Nacional de Jovens Empresários (Brasil).

No que concerne ao 8º Congresso da Fije, estavam presentes as associações empresariais de 11 países, sendo justificada a ausência das demais por dois motivos: (1) o local de realização seria o México, mas, em virtude do abalo sísmico que acometeu o país, ele foi transferido para o Brasil; (2) a pauta foi específica de eleição da nova diretoria do órgão colegiado.

Nessas circunstâncias, a presidente da Fije abriu espaço, durante a reunião principal do Congresso, para que os dois questionários fossem aplicados. Desse modo, a amostra ficou constituída com as seguintes representações: Confederación Española Jóvenes Empresarios (Espanha), Associação Nacional de Jovens Empresários (Portugal), Confederação Nacional de Jovens Empresários (Brasil), Asociación de Jóvenes Empresarios (Uruguai), Asociación Nacional de Jóvenes Empresarios (República Dominicana), Juventud Empresa (Bolívia), Asociación de Jóvenes Empresarios (Costa Rica), Asociación de Jóvenes Empresarios (Equador), Asociación de Jóvenes Empresarios (Paraguai), Asociación de Jóvenes Empresarios (Peru), e Asociación de Jóvenes Empresarios (Chile).

O instrumento de pesquisa foi apresentado em três idiomas (inglês, espanhol e português), estando organizado da seguinte maneira: (Bloco 1) sobre a FC, a escala utilizada foi a de Dennis e Vander Wal (2010), já validada, com 20 asseverações divididas em subescalas de alternativas e de controle. As respostas dos itens foram registradas em uma escala de sete pontos, onde o primeiro ponto (1) significava "discordo totalmente", e o sétimo ponto (7) "concordo totalmente"; (Bloco 2) composto por 23 itens, conforme a proposta de De Noble et al., (1999), para mensurar a AE, sendo também empregada uma escala do tipo Likert de sete pontos, indo de "discordo totalmente" (1) a "concordo totalmente" (7). Os valores atribuídos partiram de seis subescalas: desenvolvimento de novos produtos e oportunidades de mercado; construção de um ambiente inovador; iniciação de relações com investidores; definição do objetivo principal do negócio; superação de mudanças inesperadas; e desenvolvimento de recursos humanos-chave para a empresa; e (Bloco 3) perfil sociodemográfico dos respondentes.



Com os construtos da pesquisa estabelecidos, foram definidas as variáveis que os refletiam e, principalmente, operacionalizada a sua mensuração, contida nos modelos de medida aplicados aos respondentes. Segundo Hair et al., (2009), para mensurar, é necessário que as variáveis sejam observáveis empiricamente, e passíveis de ser medidas, isto é, devem ser definidas como itens mensuráveis.

Cabe ressaltar que, em etapa anterior à aplicação dos instrumentos, foram tomadas decisões importantes ao desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista que é indispensável demonstrar a sua confiabilidade e validade, as quais são garantidas por meio de determinadas técnicas estatísticas, conforme aponta Hair et al., (2009). No caso em questão, dado o pequeno número de respondentes contido na amostra ($n=22$), bem como a ampla consistência interna e a validação dos instrumentos utilizados, dispensou-se a análise fatorial confirmatória. Isso se deu em consonância com a sugestão de Reis (1997) e de 2009, para a realização de tal análise, já que ela deve ter um número de observações cinco vezes o número de variáveis, abarcando 100 observações pelo menos, e estando a sua utilização contraindicada em amostras inferiores a 50 (Hair et al., 2009).

Os modelos de mensuração escolhidos foram, portanto, confiáveis e já testados por pesquisadores internacionais, em diferentes países, uma vez que os respondentes deste estudo eram oriundos de 21 nações, representadas no G20 YEA e na Fije.

Os dados coletados na survey foram, então, organizados em uma planilha eletrônica Excel®, para proceder ao pré-tratamento, segundo as recomendações de Hair et al., (2009).

Inicialmente, verificou-se a existência de dados faltantes e de erros de digitação; mas como os dados omissos eram inferiores aos 10% dos respondentes ou da variável em questão, seu valor foi preenchido pela mediana da variável. Desse modo, como os líderes representantes das associações empresariais da Índia e do Peru deixaram de responder a uma das 43 assertivas do questionário – a sétima de AE e a segunda de FC, respectivamente, elas foram preenchidas com as medianas dos itens.

Além dos dados pertinentes às escalas Likert, foram tabulados os dados sociodemográficos dos respondentes. A planilha com as pontuações resultantes da adição desses itens, referentes aos níveis dos construtos da FC e da AE, bem como de suas dimensões, foi importada para os softwares Tosmana®, RStudio® e SPSS®.

Diante do pequeno número de casos, e a fim de preservar a complexidade das observações e as implicações teóricas dos achados (Ragin, 1987), foi realizada, primeiramente, a abordagem principal deste estudo: a análise qualitativa comparativa de conjuntos difusos (fsQCA), que serve para tratar a dificuldade de adequação de números em estudos qualitativos.

A análise foi feita por meio do software Tosmana® (Tool for Small-N Analysis), que emprega, em seus algoritmos, a teoria de conjuntos e a álgebra booleana, para avaliar as combinações de condições ou fatores presentes/ausentes de um fenômeno de interesse. Contudo, os resultados decorrentes da QCA não determinam relações causais; estas são indicadas por padrões de associações entre os conjuntos, em termos de suficiência e de necessidade, proporcionando, assim, um apoio para a existência de causalidade (Schneider e Wagemann, 2010).

Tanto o RStudio® quanto o SPSS® foram os softwares pelos quais as técnicas estatísticas pertinentes foram aplicadas para corroborar e complementar os resultados da QCA (Schneider e Wagemann, 2010) que, obviamente, restringem-se à amostra desta pesquisa. Desse modo, a estatística básica descritiva para o cálculo dos descritores de cada construto foi aplicada e, entre eles, a média, a mediana, a moda, a assimetria e a curtose.

Conforme apontam Hair et al., (2009), a normalidade dos dados pode ser avaliada a partir da assimetria e da curtose; sendo assim, com valores no intervalo $[-2; 2]$ e $[-7; 7]$, respectivamente para aqueles descritores, deve-se considerar a distribuição da variável como quase-normal (Finney e DiStefano, 2006). Além disso, supõe-se a normalidade pelos gráficos de histograma, diagramas quantil-quantil (Q-Q Plot) e quantil-quantil com envelope (Q-Q Plot envelope), confirmando-a, por derradeiro, nos testes estatísticos de normalidade (Chantarangsi et al., 2015).

Finda a etapa de análise descritiva, foram aplicadas sobre os construtos as técnicas estatísticas bivariada e multivariada. Com os dados depurados, avaliou-se a relação entre FC e AE, por intermédio do cálculo da correlação pelo coeficiente de Pearson, considerando a possível normalidade dos dados. E, a partir disso, a classificação de Dancey e Reidy (2005) foi utilizada neste estudo: $r=0.10$ até 0.30 (fraco); $r=0.40$ até 0.60 (moderado); $r=0.70$ até 1 (forte).

Por fim, chegou-se à análise de regressão linear, objetivando corroborar uma possível relação de causalidade entre os construtos, verificada na QCA, sempre considerando o referencial teórico que embasa este estudo (Barbetta, 1994).

RESULTADOS E ANÁLISES

O perfil dos líderes: (a) quanto ao gênero, consiste, na maioria de homens, em ambos os grupos, em um percentual de 86% dos respondentes (19); ao passo que a liderança feminina corresponde a 14% dos participantes (3), sendo ela das seguintes nacionalidades e respectivos grupos: Itália/G20 YEA, República Dominicana e Brasil/Fije; (b) quanto à idade, a média, em ambos os grupos, corresponde a jovens adultos (35-40 anos); e (c) sobre as dificuldades na gestão das empresas dos respondentes, sobressaíram-se o obstáculo financeiro (27%) e a gestão de pessoas (45%).

Resultados da análise qualitativa-comparativa de conjuntos difusos (fsQCA)

Nesta subseção, estão apresentados os resultados da fsQCA, a partir do software Tosmana®, que utiliza a teoria dos conjuntos e a álgebra booleana para a criação da Tabela Verdade (Tabela 1) – o principal instrumento de análise qualitativa-comparativa dos dados (Schneider e Wagemann, 2010) -, na qual está um relatório de todas as informações pertinentes à análise dos resultados aqui detalhados.

Com esse método, foram tratadas as hipóteses H1 e H2, considerando que é indispensável ter, no mínimo, duas condições causais ou dois fatores (SEAFc e SECFC) para que haja um resultado (AE).

Para obter os resultados, foi feita a calibragem das âncoras qualitativas, com três escores de pertencimento (0, 0.6 e 1), que se relacionam aos níveis dos construtos (baixo, moderado e alto), estabelecidos pelos percentis das escalas (0%, 33%, 66% e 100%), com a fixação de dois limites entre o menor e o maior valor da pontuação gerada pelos indivíduos da amostra.

Assim, cada subescala de alternativas e de controle da FC se caracteriza como: (a) baixa, quando as pontuações estão entre os valores 56 e 69, e 21 e 32 (0), respectivamente; (b) moderada, percebida quando as pontuações estão entre os valores 70 e 74, e 33 e 41 (0.6), respectivamente; e (c) alta, verificada quando as pontuações estão entre os valores 75 e 91, e 34 e 48 (1), respectivamente.

A AE, por seu turno, é tida como: (a) baixa ou ausente, quando a pontuação de cada indivíduo está entre 85 e 119 (0); (b) moderada, quando está entre 120 e 132 (0.6); e (c) alta, quando está entre 132 e 161 (1); sendo que a AE moderada e alta caracterizam a presença do resultado.

Tabela 1

Tabela verdade da pesquisa

Países	Relatório Tosmana Tabela verdade			Consistência
	SEAFc	SECFC	AE	
Itália, Indonésia, Bolívia, Espanha	0	0	0	0,3824
UE, França, Japão, Índia, Equador	0	1	0	0,2222
Argentina, Peru, Paraguai, Costa Rica	1	0	1	1,0000
Canadá, China, Alemanha, Brasil, Uruguai, República Dominicana, Chile, Portugal, Brasil	1	1	1	0,9394
Resultado: AE				
# Implicações: FCA				
# Resultados:	Consistência	Cobertura	Cob. Única.	-
FCA	0,9623	0,9107	-	-
FCA	0,9623	0,9107	**	-

Nota: Minimização (AE); inclusão (R); limite de consistência (0,9); limite de frequência (4).
Elaborada pelos autores.

Na configuração do programa, foi inserida a presença do construto AE, como resultado da minimização booleana (cujo efeito pode ser visualizado), que reduz as expressões primitivas (combinações de condições causais ou condição causal individual) em simplificações lógicas, ao identificar repetições suficientes para a geração do resultado.

Também foi configurada a inclusão dos restos lógicos, os quais não ocorreram nesta pesquisa, devido a todos os casos participarem de alguma combinação de condições.

Para todas as possibilidades lógicas configuradas, são calculadas as suas consistências em gerar o resultado AE. Neste estudo, foi atribuído o valor de 0.9 (que pode ser visto nas linhas da Tabela Verdade, ao lado dos conjuntos de países) para o limite de consistência das combinações de condições causais – que é maior do que o sugerido e utilizado (>0.8), em geral, nas pesquisas (Ragin, 2000, 2006).

A consistência e a cobertura das condições ou de suas combinações tratam-se de medidas de ajuste dos resultados. A consistência avalia o grau em que os casos associados a uma condição ou combinação de condições satisfaz(em) a propriedade de suficiência ou necessidade. Por exemplo, quando mais de 80% (>0.8) dos casos possuem escores de pertencimento à condição ou combinação iguais ou menores que os escores de pertencimento no resultado, pode-se dizer que a condição ou a combinação é suficiente para o resultado Ragin, (2000).

Na Tabela Verdade, abaixo das configurações (settings), cada conjunto de casos está atrelado a uma combinação de condições causais, que pode ser significativa para a ocorrência do resultado ou não (Thiem, 2010). Para que uma combinação de condições seja significativa à sucessão do resultado (subconjunto do resultado AE), é indispensável que ela seja >0.9 (maior do que o limite de consistência).

Percebe-se, assim, nas duas últimas linhas, valores de consistência maiores do que o limite de 0.9 e, portanto, com combinações de condições causais significativas para a ocorrência da AE.

Na penúltima linha, consta o conjunto de casos, composto pelos líderes de jovens empreendedores da Argentina, do Peru, do Paraguai e de Costa Rica, os quais possuem moderada e alta pontuação na subescala de alternativas da flexibilidade cognitiva

(SEAFc); e baixa pontuação na subescala de controle (SECFC), sendo tais condições codificadas, por meio da álgebra booleana, como SEAFc=1 e SECFC=0.

Dessa maneira, denota-se que a presença da SEAFc e a ausência da SECFC resultam na presença da AE, considerando, ainda, que todos os casos do conjunto da combinação das duas condições são suficientes para tal resultado, situação que gerou a consistência máxima de 1.

Não obstante à consistência plena da combinação de condições (SEAFc*~SECFC), seu valor de cobertura é de 0.43 – ou 43% do resultado, em analogia ao coeficiente de determinação de Thiem e Dusa (2012) –, demonstrando que menos da metade dos casos presentes no resultado AE é coberta pela referida combinação lógica.

A última linha da Tabela Verdade contempla um conjunto de casos com nove líderes representantes (Canadá, China, Alemanha, Brasil, Uruguai, República Dominicana, Chile e Portugal), que está associado à combinação das condições SEAFc*SECFC, obtentora de alta consistência (0.9394), sendo suficiente para a presença do resultado AE, ou seja, a presença das subescalas de alternativas e de controle resulta na presença da AE.

Do mesmo modo que a combinação de condições anterior, a presença da SEAFc e da SECFC cobre parte do resultado da AE, isto é, de todos os casos suficientes para o resultado AE, apenas 55% são cobertos, sendo um valor percentual pouco maior do que a combinação de presença da SEAFc e ausência da SECFC.

Em suma, duas combinações de condições consistentemente suficientes geram o resultado AE (SEAFc*~SECFC + SEAFc*SECFC); no entanto, elas não fazem parte da solução final (*prime implicants*) da Tabela Verdade, pois a minimização booleana simplifica as estruturas primitivas de conjunções (interseções fundamentais) em soluções mais simples.

A regra de minimização booleana, dessa maneira, estabelece que, se duas interseções fundamentais (combinação de condições causais) para um mesmo resultado diferem na valência de uma única condição, essa condição, então, pode ser eliminada, de modo a resultar em um termo mais simples (Thiem e Dusa, 2012). Destarte, restou a presença da subescala de alternativas da flexibilidade cognitiva (SEAFc) como única condição causal suficiente para a ocorrência do resultado AE.

Resultados da correlação e da regressão linear

Conforme Schneider e Wagemann (2010), a QCA deve ser aplicada em conjunto com outras técnicas de análise de dados; por essa razão, para complementar os resultados obtidos na análise qualitativa-comparativa, foram utilizadas as técnicas estatísticas convencionais de correlação e de regressão linear. Isso se deu, também, por conta da constatação de normalidade: (a) na distribuição dos dados que compõem as variáveis pelos gráficos de histograma, diagramas quantil-quantil (Q-Q Plot) e quantil-quantil com envelope (Q-Q Plot envelope); e (b) em testes estatísticos (Chantarangsi et al., 2015; Leotti, et al., 2005; Norman e Streiner, 2014; Torman, et al., 2012).

Além disso, para as hipóteses H2 e H3, foram aplicadas somente tais técnicas (correlação e regressão linear), pois foi correlacionada apenas uma variável independente com outra dependente, calculando-se, assim, os coeficientes de correlação linear de Pearson.

Os resultados demonstram forte correlação positiva entre SEAFc e AE (r=0.74); fraca correlação positiva entre SECFC e AE (r=0.28); moderada correlação positiva entre FC e AE (r=0.65); e moderada correlação positiva entre FC e AEMI (r=0.61); consoante Dancy e Reidy (2005).

Em ato contínuo, aplicou-se o teste de correlação de Pearson para verificar a significância ou não dos resultados para ambas as correlações. No que tange às correlações entre SEAFC e AE, FC e AE, bem como FC e AEMI, os testes de correlação de Pearson foram significantes ($p=0.000$); em contrapartida, o teste para a SECFC e a AE não foi significativo ($p=0.213$), ou seja, uma variável não influencia a outra e vice-versa.

Em etapa posterior, buscou-se um modelo matemático capaz de sustentar uma possível predição da variável dependente (AE) pelas variáveis independentes (SEAFC e SECFC), a fim de estimar a variabilidade dos valores da AE (Hair et al., 2009). Cabe ressaltar, nesse sentido, desde já, que os resultados obtidos nas correlações mostram a fraca correlação positiva e não significativa entre a SECFC e AE, determinando, assim, sua retirada do modelo de regressão linear.

O modelo de regressão, então, resultou em um moderado coeficiente de determinação ($r^2=0,54$), salientando que tão-somente a variável independente SEAFC consegue estimar em 54% a variabilidade da AE, não importando a presença ou a ausência da SECFC no modelo.

Por fim, aplicou-se a regressão para as correlações moderadas entre FC e AE, e FC e AE, as quais resultaram em coeficientes de determinação $r^2=0.65$ e $r^2=0.61$, com testes de correlação de Pearson significantes ($p=0.001$ e $p=0.003$), respectivamente.

Análise dos resultados

O relacionamento significativo entre as variáveis é conjecturado nas quatro hipóteses deste estudo, uma vez que a estatística produz correlações positivas e/ou negativas em muitas ocasiões insignificantes para o resultado.

A primeira hipótese (H1 – A subescala de controle da flexibilidade cognitiva se relaciona positiva e significativamente com a AE) foi inteiramente refutada pelos resultados, embora a condição causal ou a variável independente SECFC faça parte do instrumento de coleta de dados (IFC) utilizado na pesquisa. Diante disso, cumpre refletir teoricamente sobre tais resultados, pois esperava-se a confirmação dessa hipótese (H1).

A SECFC é composta por sete itens do inventário de flexibilidade cognitiva (IFC), que visam medir como controlável o aspecto que trata da percepção de situações novas e/ou difíceis, ou seja, que são passíveis de resoluções bem-sucedidas para situações de vida difíceis (Dennis e Vander Wal, 2010). Em análise detida da teoria, vislumbra-se que esse atributo psíquico não é mencionado na maioria dos estudos sobre a FC (Cools et al., 2001; Frick et al., 1959; Kloo et al., 2010; Rocha, et al., 2017; Phillips, 1997; Phillips et al., 2002; Ravizza e Carter, 2008; Rogers et al., 1999; Sacharin, 2009), os quais realçam a aptidão em criar, gerar ou produzir um repertório de ideias alternativas para a situação-problema, aferida no IFC pelos itens contidos na subescala de alternativas (SEAFC).

Desse modo, percebe-se, teoricamente, e infere-se, diante dos resultados, que em qualquer situação, seja ela nova e/ou difícil, o aspecto primordial da FC é a geração de um conjunto de respostas que possibilite a eleição da mais eficaz ao deslinde da situação-problema, e não a sua percepção como controlável, ainda mais considerando que os respondentes da pesquisa são jovens empreendedores envolvidos em um ambiente hostil e fluido de mercado, para o qual, apesar de parecer incontrolável, a ação empreendedora é realizada mesmo assim.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o empreendedorismo, por essência, é uma área identificada pela incerteza e a necessidade de criar múltiplos modelos mentais e comportamentos (Lizote et al., 2018), associadas à tendência de

considerar múltiplas perspectivas de uma ideia e de conceber múltiplas soluções para um problema (Roberts et al., 2017).

Assim sendo, o IFC capta as características de percepção e de produção diversificada de soluções – relevantes para o ato de empreender –, por meio de 13 itens (SEAFC), que buscam, especificamente, denotar a capacidade dos respondentes em “perceber múltiplas explicações alternativas para ocorrências de vida e comportamento humano”, bem como de “gerar várias soluções alternativas para situações difíceis” (Dennis e Vander Wal, 2010, p. 242), tradução nossa). Nesse sentido, é pela subescala de alternativas (SEAFC) que se manifesta a FC neste estudo, cumprindo papel importante na relação com a (AE).

A segunda hipótese (H2 – A subescala de alternativas da flexibilidade cognitiva se relaciona positiva e significativamente com a AE) foi confirmada pelos resultados obtidos, sugerindo que os níveis moderado e alto de FC são importantes antecedentes da AE, dado que a FC está associada à maior criatividade, à inovação e ao pensamento generativo (Barbey, et al., 2013; Ritter et al., 2012). Isso permite que os indivíduos com FC percebam mais confiança em suas capacidades para criar novos negócios, sentindo-se ficando seguros em se envolver nas atividades empreendedoras.

As hipóteses (H3 – A FC se relaciona positiva e significativamente com a AE; e H4 – A FC se relaciona positiva e significativamente com a dimensão “lidar com mudanças inesperadas” da AE) foram confirmadas pelos resultados e correspondem aos fundamentos teóricos da pesquisa.

No concerne à H3, se a SEAFC tem forte correlação positiva com AE, esperava-se que a FC tivesse correlação positiva, mas com menor intensidade, devido à presença dos itens da SECFC – hipótese rejeitada pelos resultados.

No mesmo passo, para a H4, esperava-se o mesmo resultado, pois a dimensão da AE que mais se aproxima dos fundamentos teóricos abarca saber “lidar com mudanças inesperadas”, ou seja, a FC gera múltiplas soluções diante de situações difíceis, decorrentes da atividade empreendedora que, por sua vez, tem forte característica na incerteza do mercado, que produz mudanças inesperadas.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa objetivou avaliar a relação entre a flexibilidade cognitiva (FC) e a autoeficácia empreendedora (AE) dos líderes representantes de jovens empreendedores no G20 YEA e na Fije, a fim de confirmar ou de rejeitar o modelo teórico proposto.

Os referidos líderes, que são homens e mulheres que convivem com os percalços e as turbulências do mercado, carregando a experiência da vida empresarial, detêm traços de personalidade relevantes ao empreendedorismo, que podem ser aferidos por instrumentos hábeis de pesquisa.

De acordo com os resultados, tais líderes não manifestaram tendência em perceber as situações difíceis, decorrentes da atividade empreendedora, como controláveis, tendo em vista as inúmeras variáveis que tornam o ambiente de negócios volátil e inconstante (H1 – A subescala de controle da flexibilidade cognitiva se relaciona positiva e significativamente com a AE).

No entanto, eles mantêm a destreza em perceber e gerar múltiplas explicações e soluções alternativas para tais ocorrências incertas, difíceis e/ou novas (H2 – A subescala de alternativas da flexibilidade cognitiva se relaciona positiva e significativamente com a AE; e H3 – A FC se relaciona positiva e significativamente com a AE), influenciando positivamente a crença de que suas habilidades são eficazes e suficientes para organizar e realizar cursos de ação necessários à criação de um novo negócio, ao desenvolvimento de uma empresa já existente ou à resolução de problemas decorrentes de mudanças

inesperadas (H4 – A FC se relaciona positiva e significativamente com a dimensão “lidar com mudanças Inesperadas” da AE).

Em outro viés, e para além de suas carreiras empreendedoras, os líderes em comento representam os seus países nos principais grupos de deliberação regional e mundial – a Fije e o G20 YEA, respectivamente. Nesses ambientes de discussão, debate e tomada de decisões, eles realizam um trabalho político de destaque e importância, sendo capazes de influenciar os rumos das políticas voltadas ao empreendedorismo juvenil na América Latina e Península Ibérica (Fije), e no mundo (G20 YEA). Ter FC diante de um ponto de pauta complexo e/ou novo, por exemplo, influencia um líder a acreditar que suas habilidades empreendedoras são suficientes para direcionar suas manifestações e deliberações em reuniões.

É indispensável destacar que as conclusões extraídas dos resultados não são inferências estatísticas, haja vista as poucas observações realizadas (n=22), mas têm inestimável significância, pois, como já dito, são indivíduos representativos do empreendedorismo juvenil em inúmeros países. Dessa forma, não há generalização dos resultados para a população da amostra, visto que o uso das técnicas estatísticas configuracional e convencional para poucas observações requer parcimônia nas conclusões (Reis, 1997; Hair et al., 2009).

A FC é uma habilidade importante para a solução de problemas e/ou situações novas, o que justifica seu estudo, em futuras pesquisas, como antecedente das habilidades cognitivas relacionadas ao empreendedorismo, a exemplo da autoeficácia e da intenção empreendedora. Isso favorece a compreensão de características, motivações, atitudes e estratégias compartilhadas entre os empreendedores, permitindo a identificação de ferramentas adequadas à formação empreendedora de pessoas ativas no mercado ou de futuros empreendedores.

Declaração de Conflito de Interesse

Declaramos que não há conflito de interesses entre os autores no presente artigo.

Declaração dos autores de contribuições individuais

Papéis	Contribuição por autor		
	Aguirre, D	Lizote, S	Guerra, MC
Conceitualização		■	■
Metodologia	■		
Software	■		
Validação	■		
Análise formal		■	■
Pesquisa / Levantamento	■	■	
Recursos		N.A.	
Curadoria dos dados		N.A.	
Escrita - Rascunho original	■	■	■
Escrita - Revisão e edição		■	■
Visualização dos dados	■	■	■
Supervisão / Orientação	■		■
Administração do Projeto		■	
Financiamento		N.A.	

REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (1997). Self-efficacy and health behavior. In A. Baum, S. Newman, J. Wienman, R. West, & C. McManus (Eds.), *Cambridge handbook of psychology, health and medicine* (p. 160-162). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Bandura, A. (1999). Social cognitive theory: an agentic perspective. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, 21-41. <http://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.1>
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1986). *The Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Barbetta, P. A. (1994). *Estatística aplicada às Ciências Sociais*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Barbey, A. K., Colom, R., & Grafman, J. (2013). Architecture of cognitive flexibility revealed by lesion mapping. *Neuroimage*, 82, 547-554. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2013.05.087>
- Barbosa, A. P. B., Silva, E. A. da., Gonçalves, F. H. L., & Morais, R. de. (2020). O impacto da educação empreendedora na intenção de empreender: análise dos traços de personalidade. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 124-158. <http://doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1589>
- Barrett-Pink, C. (2018). *The air defenses task: understanding what motivates automation usage to support classification decisions in practice* (PhD thesis). University of Liverpool, Liverpool, UK.
- Brewster, M. E. (2011). *The roles of cognitive flexibility, bicultural self-efficacy, and minority stress in the mental health of bisexual individuals* (Doctoral Thesis). University of Florida, USA. Recuperado de <https://www.proquest.com/openview/87964e7bf3e472dd8272e6091a2b4d4be/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
- Bullard, O., Penner, S., & Main, K. (2019). Can implicit theory influence construal level? *Journal of Consumer Psychology*, 29(4), 563-702. <https://doi.org/10.1002/jcpsy.1101>
- Camozzato, E. S., Lizote, S. A., Verdinelli, M. A., & Serafim, F. K. (2017). Orientação empreendedora, autoeficácia dos gestores e satisfação com o desempenho: um estudo em empresas incubadas. *Revista de Ciências da Administração*, 19(48), 68-83. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2017v19n48p68>
- Çelikkaleli, Ö. (2014). The Relation Between Cognitive Flexibility and Academic, Social and Emotional Self-Efficacy Beliefs Among Adolescents. *Education and Science*, 39, 347-354. <http://doi.org/10.15390/EB.2014.3467>
- Chantarangsi W., Liu W., Bretz f., Kiatsupaibul S., Hayter, A. J., & Wan, F. (2015) Normal probability plots with confidence. *Biometrical Journal*, 57(1), 52-63. <http://doi.org/10.1002/bimj.201300244>
- Chen, C., Greene, P., & Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers. *Journal of Business Venturing*, 13, 295-316. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(97\)00029-3](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(97)00029-3)
- Conaje. (2019). Institucional. Recuperado de <http://conaje.com.br/institucional>
- Cools, R., Barker, R., Sahakian, B., & Robbins, T. (2001). Mechanisms of cognitive set flexibility in Parkinson's disease. *Experimental Psychology*, 124, 2503-2512. <https://doi.org/10.1093/brain/124.12.2503>
- Dancey, C., & Reidy, J. (2005). *Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed.
- De Noble, A. F., Jung, D., & Ehrlich, B. (1999). Entrepreneurial self-efficacy: the development of a measure and its relationship to entrepreneurial intentions and actions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18(4), 63-77.
- Dennis, J. P., & Vander Wal, J. S. (2010). The cognitive flexibility inventory: instrument development and estimates of reliability and validity. *Cognitive Therapy and Research*, 34, 241-253. <https://doi.org/10.1007/s10608-009-9276-4>
- Dheer, R., & Lenartowicz, T. (2017). Cognitive Flexibility: Impact on Efficacy and Intentions towards Entrepreneurship. *Academy of Management Proceedings*, 2017(1), 11567. <https://doi.org/10.5465/AMBPP.2017.11567abstract>
- Duncker, K. (1945). On problem solving. *Psychological Monographs*, 58(5), i-113. <https://doi.org/10.1037/h0093599>
- Fije. (2019). *Quiénes somos*. Recuperado de <https://fije.org/fije/>
- Finney, S. J., & DiStefano, C. (2006). Non-normal and categorical data in structural equation modeling. In: G. R. Hancock, & R. O. Mueleer,

- (Eds.). Structural equation modeling: a second course. Charlotte, NC: Information Age Publ.
- French, P., & Sternberg, R. (1989). Expertise and intelligent thinking. When is it worse to know better? In R. Sternberg (Ed.), *Advances in the psychology of human intelligence* (Vol. 5, p. 157-188). New York and London: Psychology Press.
- Frick, J., Guildford, J., Christense, P., & Merrifield, P. (1959). A factor analytic study of flexibility in thinking. *Educational and Psychological Measurement*, 19(4), 469-496. <https://doi.org/10.1177/001316445901900401>
- G20 YEA. (2019). Our Charter. G20 Young Entrepreneurs' Alliance. Recuperado de <https://www.g20yea.com/about-us>
- Guerra, C. G. (2012). Flexibilidade cognitiva e rendimento escolar: estudo com os alunos do Instituto Politécnico de Portalegre. Anais do Seminário de I&DT C3i, Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal, 3.
- Guerra, C., Candeias, A. A., & Prieto, G. (2014). Flexibilidade cognitiva: repensar o conceito e a medida da inteligência (pp. 6-20). Anais do Seminário Internacional de Cognição, Aprendizagem e Rendimento, Instituto de Educação, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, Portugal, 1.
- Guimarães, J. C. F., Severo, E. A., & Vasconcelos, C. R. M. (2017). Vantagem competitiva sustentável: uma pesquisa em empresas do Sul do Brasil. *BBR. Brazilian Business Review*, 14(3), 352-367. <http://doi.org/10.15728/bbr.2017.14.3.6>
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6a. ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Hernández S. R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3a. ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Hisrich, R., Langan-Fox, J., & Grant, S. (2007). Entrepreneurship research and practice: a call to action for psychology. *The American Psychologist*, 62(6), 575-589. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.62.6.575>
- Johnson, B. T. (2016). The relationship between cognitive flexibility, coping, and symptomatology in psychotherapy (Master's Theses, Paper 354). Marquette University, Milwaukee, Wisconsin, USA.
- Kim, B. S. K., & Omizo, M. M. (2005). Asian and European American Cultural Values, Collective Self-Esteem, Acculturative Stress, Cognitive Flexibility, and General Self-Efficacy among Asian American College Students. *Journal of Counselling Psychology*, 52, 412-419. <http://doi.org/10.1037/0022-0167.52.3.412>
- Kloo, D., Perner, J., Kerschhuber, A., Aichhorns, M., & Schimidhuber, N. (2010). Perspective taking and cognitive flexibility in the Dimensional Change Card Sorting (DCCS) task. *Cognitive Development*, 25, 208-217. <https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2010.06.001>
- Leotti, V. B., Birck, A. R., & Riboldi, J. (2005). Comparação dos Testes de Aderência à Normalidade Kolmogorov-smirnov, Anderson-Darling, Cramer-Von Mises e Shapiro-Wilk por Simulação. Anais do Simpósio de Estatística Aplicada à Experimentação Agronômica, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 11.
- Lizote, S. A., & Verdinelli, M. A. (2015). Relação entre competências empreendedoras e desempenho: um estudo em meios de hospedagem do ambiente rural. *Desenvolvimento em Questão*, 13(29), 90-124. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2015.29.90-124>
- Lizote, S. A., Verdinelli, M. A., & Silveira, A. (2013). Relação entre autoeficácia e competências empreendedoras de gerentes com o desempenho das empresas instaladas em incubadoras tecnológicas de Santa Catarina, Brasil. Anais do Congresso Latino-Iberoamericana de Gestão de Tecnologia [CD-ROM], Porto, Portugal, 15.
- Lizote, S. A., Verdinelli, M. A., Vignochi, L., & Paines, P. A. (2018). Adaptação a ambientes de incerteza: influência do estilo e flexibilidade cognitiva. Anais do Congresso da Associação Nacional de Pesquisa em Contabilidade, João Pessoa, PB, Brasil, 12.
- Martínez, O., & Perez, M. (2019). Hermenéutica de la Flexibilidad Cognitiva de las Decisiones Estratégicas Empresariales desde la Transcomplejidad. *Revista Científica*, 4(11), 138-155. <https://doi.org/10.29394/Scientific.issn.2542-2987.2019.4.11.7.138-155>
- McGee, J., Peterson, M., Mueller, S., & Sequeira, J. (2009). Entrepreneurial self-efficacy: refining the measure. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(4), 965-988. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00304.x>
- Miao, C., Qian, S., & Ma, D. (2017). The relationship between entrepreneurial self-efficacy and firm performance: a meta-analysis of main and moderator effects. *Journal of Small Business Management*, 55(1), 87-107. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12240>
- Moradzadeh, F., & Pirkhaefi, A. (2018). The effectiveness of acceptance and commitment therapy on marital satisfaction and cognitive flexibility among married employees of the welfare office. *Iranina Journal of Psychiatric Nursing*, 17(1), 1-7. Recuperado de <http://ijpn.ir/article-1-1035-en.html>
- Morin, E., Ciurana, E. R., & Motta, R. D. (2002). Educar en la era planetaria: el pensamiento complejo como método de aprendizaje en el error y la incertidumbre humana. Salamanca, Espanha: Universidad de Valladolid.
- Muyan-Yilik, M., & Demir, A. (2019). A pathway towards subjective well-being for turkish university students: the roles of dispositional hope, cognitive flexibility, and coping strategies. *Journal of Happiness Studies*, 12(1), 334-352. <https://doi.org/10.1007/s10902-019-00162-2>
- Norman, G., & Streiner, D., (2014). *Biostatistics: the bare essentials* (3rd ed.). Hamilton, Ontario, Canada: B.C. Decker.
- Oshiro, K., Nagaoka, S., & Shimizu, E. (2016). Development and validation of the Japanese version of cognitive flexibility scale. *BMC Research Notes*, 34(28), 345-359. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1186/s13104-016-2070-y>
- Phillips, L. (1997). Do "frontal tests" measure executive function? Issues of assessment and evidence from fluency tests. In P. Rabbitt (Ed.), *Methodology of frontal and executive function* (pp.191-210). Hove, UK: Psychology Press.
- Phillips, L., Bull, R., Adams, E., & Fraser, L. (2002). Positive mood and executive function: Evidence from Stroop and fluency tasks. *Emotion*, 2(1), 12-22. <http://doi.org/10.1037/1528-3542.2.1.12>
- Prigogine, I., & Stengers, I. (1997). *The end of certainty*. New York, USA: Simon and Schuster.
- Ragin, C. C. (2007). Calibration Versus Measurement. Forthcoming in D. Collier, H. Brady, & J. Box-Steffensmeier (Eds.), *Methodology volume of Oxford Handbooks of Political Science*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Ragin, C. C. (2000). *Fuzzy-Set Social Science*. Chicago, USA: University of Chicago Press.
- Ragin, C. C. (2006). Set Relations in Social Research: Evaluating Their Consistency and Coverage. *Political Analysis* 14(3), 291-310. <https://doi.org/10.1093/pan/mpj019>
- Ragin, C. C. (1987). *The Comparative Method: Moving Beyond Qualitative and Quantitative Strategies*. Berkeley, CA, USA: University of California Press.
- Ravizza, S. M., & Carter, C. S. (2008). Shifting set about task switching behavioral and neural evidence for distinct forms of cognitive flexibility. *Neuropsychology*, 46, 2924-2935. <http://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2008.06.006>
- Reis, E. (1997). *Estatística multivariada*. Lisboa: Edições Silabo Ltda.
- Ribeiro, T. M., & Teixeira, R. M. (2012). A criação de negócios por empreendedores jovens: estudo de casos múltiplos no Estado de Sergipe. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1), 72-100. <http://doi.org/10.14211/regepe.v1i1.15>
- Ritter, S. M. et al. (2012). Diversifying experiences enhance cognitive flexibility. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48(4), 961-964. <http://doi.org/10.1016/j.jesp.2012.02.009>
- Roberts, R. et al. (2017). An fMRI investigation of the relationship between future imagination and cognitive flexibility. *Neuropsychologia*, 95, 156-172. <http://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2016.11.019>
- Rocha, C. F. C., Mayer, J., & Callegari, N. M. (2017). Flexibilidade cognitiva: como inseri-la no Empreendedorismo. Anais do Congresso Latino-americano de Administração e Negócios, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.
- Rogers, R. D. et al. (1999). Tryptophan depletion impairs stimulus-reward learning while methylphenidate disrupts attentional control in healthy young adults: Implications for the monoaminergic basis of impulsive behavior. *Psychiatry: Interpersonal and Biological Processes*, 146, 482-491. <https://doi.org/10.1007/PL00005494>
- Roshani, F., Piri, R., Malek, A., Michel, T. M., & Vafae, M. S. (2019). Comparison of cognitive flexibility, appropriate risk-taking and reaction time in individuals with and without adult ADHD. *Psychiatry Research*, 32(12), 567-581. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112494>
- Sacharin, V. (2009). *The Influence of Emotions on Cognitive Flexibility* (Doctoral Thesis). University of Michigan, Michigan, USA.

- Sanchez, J., & Hernández-Sánchez, B. (2013). Gender, personal traits, and entrepreneurial intentions. *Business and Management Research*, 3(10), 456-479. <https://doi.org/10.5430/bmr.v3n1p31>
- Schneider, C., & Wagemann, C. (2010). Qualitative Comparative Analysis (QCA) and Fuzzy-Sets: agenda for a research approach and a data analysis technique. *Comparative Sociology*, 9(2), 376-396. <http://doi.org/10.1163/156913210X12493538729838>
- Shimogori, Y. (2013). Impact of biculturalism on self-efficacy and cognitive flexibility of Japanese adults (Doctoral Thesis). Claremont Graduate University and San Diego State University. Recuperado de <https://www.proquest.com/openview/15cb642c393c4778fcf572f0ea3de236/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
- Silva Filho, S. D., & Lizote, S. A. (2019). Autoeficácia e orientação empreendedora: uma análise de suas relações em pequenas empresas de moda íntima. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 13(1), 78-103. <http://doi.org/10.21714/19-82-25372019v13n1p78103>
- Simões, A. M. P. (2016). Autoeficácia empreendedora no ensino superior: o caso dos estudantes do Instituto Politécnico de Coimbra (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Spiro, R., Vispoel, W., Schmitz, J., Samarapungavan, A., & Boerger, A. (1987). Knowledge acquisition for application: cognitive flexibility and transfer in complex content domains. In B. Britton e S. Glynn (Eds.), *Executive Control in Process in Reading* (pp. 177-199). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sung, E., Chang, J. H., Lee, S., & Park, S. H. (2019). The moderating effect of cognitive flexibility in the relationship between work stress and psychological symptoms in Korean air force pilots. *Military Psychology*, 31(2), 100-106. <https://doi.org/10.1080/08995605.2018.1556083>
- Thiem, A. (2010). Set-relational fit and the formulation of transformational rules in fsQCA [Working Paper nº 2010, v. 61. Small-N Compass: Systematic cross-case analysis. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Alrik-Thiem/publication/254068441_Set-Relational_Fit_and_the_Formulation_of_Transformational_Rules_in_fsQCA/links/55b88a3308aec0e5f4399b18/Set-Relational-Fit-and-the-Formulation-of-Transformational-Rules-in-fsQCA.pdf
- Thiem, A., & Dusa, A. (2012). Introducing the QCA Package: A Market Analysis and Software Review. *Qualitative & Multi-Method Research*, 10(2), 45-9. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/280545692_Introducing_the_QCA_Package_A_Market_Analysis_and_Software_Review
- Torman, V. B. L., Coster, R., & Riboldi, J. (2012). Normality of variables: diagnosis methods and comparison of some nonparametric tests by simulation. *Revista HCPA*, 32(2), 227-234. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/158102>
- Vignochi, L., Lezana, A. G. R., & Paines, P. A. (2020). Associações entre estilos cognitivos, flexibilidade e perfil de liderança empreendedora de universitários. *Revista Alcance*, 27(3), 276-292.
- Welsh, D., Tullar, W., & Nemati, H. (2016). Entrepreneurship education: process, method, or both? *Journal of Innovation & Knowledge*, 12(2), 345-379. <https://doi.org/10.1016/j.jik.2016.01.005>
- Wilson, K. E., Vyakarnam, S., Volkmann, C., Mariotti, S., & Rabuzzi, D. (2009, April). Educating the next wave of entrepreneurs: Unlocking entrepreneurial capabilities to meet the global challenges of the 21st century. A Report of the Global Education Initiative. Cologny, Geneva, Switzerland: World Economic Forum. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1396704>
- World Economic Forum. (2016). The Future of Jobs: Employment, skills and workforce strategy for the fourth industrial revolution. Global Challenge Insight Report. Cologny, Geneva, Switzerland: World Economic Forum. Recuperado de http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs.pdf
- Yu, Y., Yu, Y., & Lin, Y. (2019). Anxiety and depression aggravate impulsiveness: the mediating and moderating role of cognitive flexibility. *Psychology, Health & Medicine*, 25(1), 25-36. <https://doi.org/10.1080/13548506.2019.1601748>

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Douglas Schwolck Fontan Ayres de Aguirre é presidente da *Confederação Nacional de Jovens Empresários (Conaje)*. Possui mestrado em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, Santa Catarina, Brasil. Interesse de pesquisa incluem empreendedorismo e flexibilidade cognitiva.

E-mail: douglasaguirre@gmail.com.

Suzete Antonieta Lizote é professora na universidade do Vale do Itajaí - Escola de Negócios, nos Cursos de Graduação em Ciências Contábeis; Mestrado Profissional em Gestão, Internacionalização e Logística (PMPGIL) e Mestrado e Doutorado em Administração (PPGA). Possui doutorado em Administração e Turismo pela Universidade do Vale do Itajaí- Univali, Biguaçu, SC, Brasil. Interesse de pesquisa em liderança e empreendedorismo, empreendedorismo social, bem-estar, comprometimento organizacional e universidade empreendedora.

E-mail: lizote@univali.br.

María Cristina Almeida Gama Guerra é professora no Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal. Possui doutorado em Psicologia pela Universidade de Évora. Interesse de pesquisa em Flexibilidade Cognitiva

E-mail: cristinag@ippportalegre.pt.